

O menino do dedo roxo

Lourenço Diaféria

O menino estourou o dedo na porta da cozinha. Foi um corre-corre.

De noite, quando o pai chegou em casa, o dedo estava amarrado com gaze, vermelha de mertiolato.

- Que foi isso? – pergunta o pai pegando a mão do filho.

A mãe se desculpa:

- A brincadeira, ora essa. Não pára um minuto o capeta. Desta vez prendeu o dedo na porta. É o que dá não ouvir a gente.

Até aí o menino estava só fungando. Agora abre o berreiro.

- Não chora que dói mais – ameaça ela com bondade.

O pai torce o nariz. A mulher coloca a panela de arroz na mesa e apaga o gás que esquentava o feijão.

Levanta a toalha do cesto de pão, destampa o pirex com machucho e carne moída.

- O papai janta e depois vê isso. Me passa a pimenta.

O guri continua a gemer.

- Já falei pra tomar cuidado. Qualquer hora arrebenta a cabeça, quero ver.

A mulher coloca os dois cotovelos sobre a mesa e fica olhando o televisor. O pai mistura bem a comida e dá a primeira garfada. A mãe aumenta o volume do televisor. O menino aumenta o volume do choro. O pai engole sem mastigar.

Mesmo cenário, mesmos personagens. 21h45. No vídeo, os comerciais ensinam a maneira mais prática de cortar a nicotina e o alcatrão do cigarro. O pai aproveita para desenrolar devagar, quase sem tocar, a gaze do dedo do menino. Torce o nariz.

- Ta feio isso, seu!

Sob a unha lacerada a mancha preta e grossa de sangue pisado.

- Esse roxo não tinha antes – observa a mãe.

O garoto aproveita para gritar e dobrar as pernas de desespero.

- Calma, filho. Fica quietinho que o papai enrola e a dor passa.

O filho senta no sofá de curvim e geme, sentido.

22h15. O pai faz um esforço para prestar atenção na televisão mas está lembrando que o Bar do Sanches deve estar cheio de pilantra, cada um contando sua lorota. A sinuca de sempre. Giz no taco. Copos de cerveja no balcão de granilito.

- Tá preocupado com quê? – quer saber a mulher.

Ele fica em silêncio. Ela também. O pai tem vontade de sair, tomar uma brisa, esquecer o chorinho agora mais manso do menino, a aporrinhção da fábrica.

A mulher que está a seu lado lhe parece o avesso da moça fresca da seção de embalagem. Flor de vaso murcha queimada de sol. Suspira, inquietação.

- Arruma lá a vertical – reclama a mulher.

Ele levanta, arruma, senta.

- O menino dormiu, ainda bem.

- Televisão é bom para dormir.

22h30.

- Acho que a unha vai cair.

- Bom. Nasce outra mais forte.

- Já falei pra tomar cuidado com esse moleque.

- E eu não tomo? Quem fica com ele em casa sou eu, não é você. Eu que sei.

- E eu não trabalho?

- Tou reclamando, não. Falar nisso, me deixa o dinheiro da feira.

- Tá brincando? O que tem está no armário.

- Estamos sem mistura.

- Faz ovo. Omelete não é desaforo. Não vou roubar.

- Nem uns trocados?

- Estou com o certo pros bilhetes de ônibus e metrô.

Segura o rebolado, nega. Pior são os outros que estão indo pra rua.

- Não sei como o povo não se revolta.

- O brasileiro é carneiro. O culpado é aquele cara ali, ó. E desliga essa nojeira, que estou cansado de ver essas figurinhas em preto-e-branco. Me dá uma raiva!

- Vamos dormir que amanhã é dia de branco. Você traz o Tico?

- Trago. Vai que eu já vou.

O pai abre a geladeira, retira a garrafa de água.

2h00 da manhã.

Tico desperta chorando, senta na cama.

- Tá doendo, pai.

- Dorme, filho

- Tá doendo, pai.

- Fica quietinho que passa. Olha, encosta aqui. Pronto. Tá vendo? Vai passar. Não mexe o dedinho, filho. Fica assim e dorme.

- Dói muito, pai.

O rosto de barba de lixa se volta para a mulher, de olhos abertos.

- Devia ter visto isso de dia. Com machucado não se brinca.

- Sempre eu a culpada.

- Capaz até de estar quebrado.

- Imagina!

- Imagina por quê? Levar uma porta no dedo.

- Experimenta dobrar o dedo, filho.

- Dói, pai.

- Esse dedo não está me cheirando bem.

- Isso já passa, homem. Fica bonzinho, amor. Mamãe abraça você.

Tico bate as pernas e empurra as cobertas.

O pai salta da cama. Eta vida! A fábrica, o ônibus, o metrô, a cangalha, o salário, a feira, as contas, o cansaço, o chefe-de-turma implicando, o sapato furado, e agora esse dedo.

Pula dentro das calças.

- Que você vai fazer?

- Acha que vou ficar olhando? Vou é levar esse garoto no pronto-socorro.

- Mas a esta hora?

2h45 da manhã.

No ponto do ônibus o pai segura o filho no colo. Um galo canta. Nos baldios os grilos trilam debaixo da mamona. Tico encosta a cabeça no ombro do pai, espia o dedo que pica, arde, pulsa.

- Está batendo de dor, pai.

- É pus. Tomara que não inflame.

Um táxi passa, diminui a marcha.

- Condução?

- Estou esperando o ônibus.

- Esta hora não tem ônibus.

- Eu espero. Não estou com pressa.

Durinho da silva. O táxi parte devagar, luz acesa na capota como um olho de cíclope no arrabalde.

No ponto de ônibus, o homem espera, braços começando a doer com o peso de seu menino de dedo em chamas. A luz do mercúrio ilumina o asfalto, daqui a pouco o homem vai começar a sentir sono, imaginará que está na sala de espera, enfermeira de branco perguntando:

- Particular ou instituto?

Tico, receoso, mostrará o dedo, o médico fará um bom curativo, pai e filho voltarão para casa onde a mulher terá acabado de coar um café quente. Ligará o rádio, Zé Bétio* e suas vaquinhas o confortarão.

Mas o ônibus não vem.

O menino geme no ombro do pai. O homem troca de pé de descanso e se sente tão pequeno, tão só, tão imundo, que começa a sentir inveja dos personagens de Gil Gomes**.

***Zé Bétio: apresentador de um programa de rádio com músicas e assuntos relacionados à vida no campo.**

****Gil Gomes: radialista de um programa com notícias sobre casos de violência e crime.**

Crônica extraída do livro "Imitador de Gato", série Para Gostar de Ler. Editora Ática, SP, 1998.